

Asilomar: a ciência aos cientistas

Hervé Kempf*

Asilomar é um balneário ensolarado na beira do Pacífico, perto de Monterey e não longe de Big Sur. Mas não foi para se divertir que cento e quarenta cientistas entraram, no dia 24 de fevereiro de 1975, em uma antiga capela numa floresta de sequóias: eles vinham participar do congresso internacional sobre a recombinação de moléculas de DNA, convocado pelo comitê presidido por Berg, para tentar regular a questão dos riscos da engenharia genética. A reunião deixará a impressão de ser um momento histórico: pela primeira vez na história da tecnologia, refletia-se sobre o que poderia dar errado antes que acontecesse o primeiro acidente.

E a comunidade científica não observou, enfim, espontaneamente, uma moratória sobre experiências possivelmente perigosas? Na documentação preparatória, os organizadores já haviam sugerido a linha a ser seguida: tratava-se de definir as condições de segurança que permitiriam a retomada dos trabalhos.

Debate restrito

Os debates são delimitados: estão presentes os representantes da indústria farmacêutica – Merck, Searle, Roche, General Electric –, assim como um pesquisador do exército, mas não foram convidados os dissidentes de Science for the People, com exceção de Jonathan Beckwith, mas este não pôde vir, e não procuraram ninguém para substituí-lo. E ainda, o congresso não foi aberto à imprensa senão com reticências.

Bem no começo, David Baltimore, um dos organizadores, exclui do debate as questões de terapia genética e da utilização militar da engenharia genética. Não será abordada, também, a dimensão ética ou política do problema – este tema, explicará depois Paul Berg, impediria chegar-se ao consenso. O debate focaliza-se sobre a segurança das experiências e sobre as regras que é necessário fixar para as mesmas. Essas regras não ameaçarão a liberdade de pesquisa? É o que afirma Watson, para o qual é suficiente confiar na consciência dos pesquisadores. A platéia aprova. Acontece que a competição científica é intensa, e toda a regulamentação ou limite é fonte de atraso.

Como explica, em outro contexto, um biólogo: “os pesquisadores estão competindo por fundos restritos. Para obter os fundos – que trazem status social, prestígio e segurança financeira – precisam produzir resultados. Publicar ou morrer ainda é a palavra de ordem. Mas trabalhar respeitando as regras de segurança, isto significa trabalhar lentamente”.

Em Asilomar, nenhum pesquisador diz abertamente que a sociedade, aquela que iria sofrer todas as eventuais conseqüências negativas das experiências, não teria qualquer legitimidade em querer controlá-los. De fato, os biólogos querem restringir ao mínimo a interferência do público ou do governo nos seus negócios. Os mais lúcidos entre eles compreendem que estão diante de um dilema: se o público participar das decisões, pode recusar seu apoio; se não participar, pode acabar opondo-se à ciência.

Sucedem-se quatro dias de debate agitados e freqüentemente confusos, debates que, segundo o jornalista Michael Rogers, “tomam rapidamente o aspecto apresentado por alguma obscura tribo primitiva que está caminhando às cegas e cai, acidentalmente, do fundo da noite dos tempos sobre o segredo do procedimento parlamentar”. O adiamento está ameaçando impor-se: não poderiam adiar as decisões? Paul Berg utiliza, porém, um argumento decisivo: “não podemos dizer que cento e quarenta cientistas passaram quatro dias em Asilomar, que estavam todos de acordo sobre a existência de um risco e que, mesmo assim, não conseguiram dar a menor sugestão. É uma maneira de dizer ao governo que faça isto por nós”. O governo? Uma lei? Eis o verdadeiro perigo.

Os cientistas acordam-se, então, sobre vários princípios. Aqueles princípios que permitirão

continuar a pesquisa mas poderão, também, persuadir o congresso de que leis restritivas não são necessárias. Os procedimentos de controle adotados não são, porém, insignificantes: se, por um lado, a conferência de Asilomar levanta o embargo sobre as experiências genéticas, distinguirá, por outro lado, quatro níveis de segurança exigidos segundo a periculosidade dos organismos manipulados, criando assim uma hierarquia de laboratórios segundo quatro graus de medidas de confinamento. É um progresso em relação à situação que prevalecia anteriormente, em que a maioria dos laboratórios trabalhava sem uma proteção real: vão generalizando-se, por exemplo, os sistemas de pressão negativa do ar que impedem o ar do laboratório de escapar livremente. A imprensa aplaude os resultados de Asilomar, pelo exemplo de autodisciplina dos cientistas. Mas, no fundo, a reunião alcança o objetivo da maioria dos biólogos moleculares: assegurar, sem interferência exterior, os procedimentos de controle e excluir o social da definição do problema.

(*) O jornalista Hervé Kempf, responsável no jornal «Le Monde» por dossiês internacionais, publicou recentemente um excelente livro sobre a história dos OGMs: *La guerre secrète des OGM (A guerra secreta dos OGMs)*, pela editora Seuil, da qual temos o prazer de apresentar estas páginas sobre a conferência de Asilomar. Esta conferência foi organizada pela Academia Americana de Ciências em 1975, logo após os cientistas terem demonstrado fortes preocupações com o anúncio do sucesso obtido na transferência de genes de uma espécie a outra.

In: *Transgênicos terapia genética células-tronco: questões para a ciência e para a sociedade* / Magda Zanoni, organizadora. — Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2004. pp 47-49